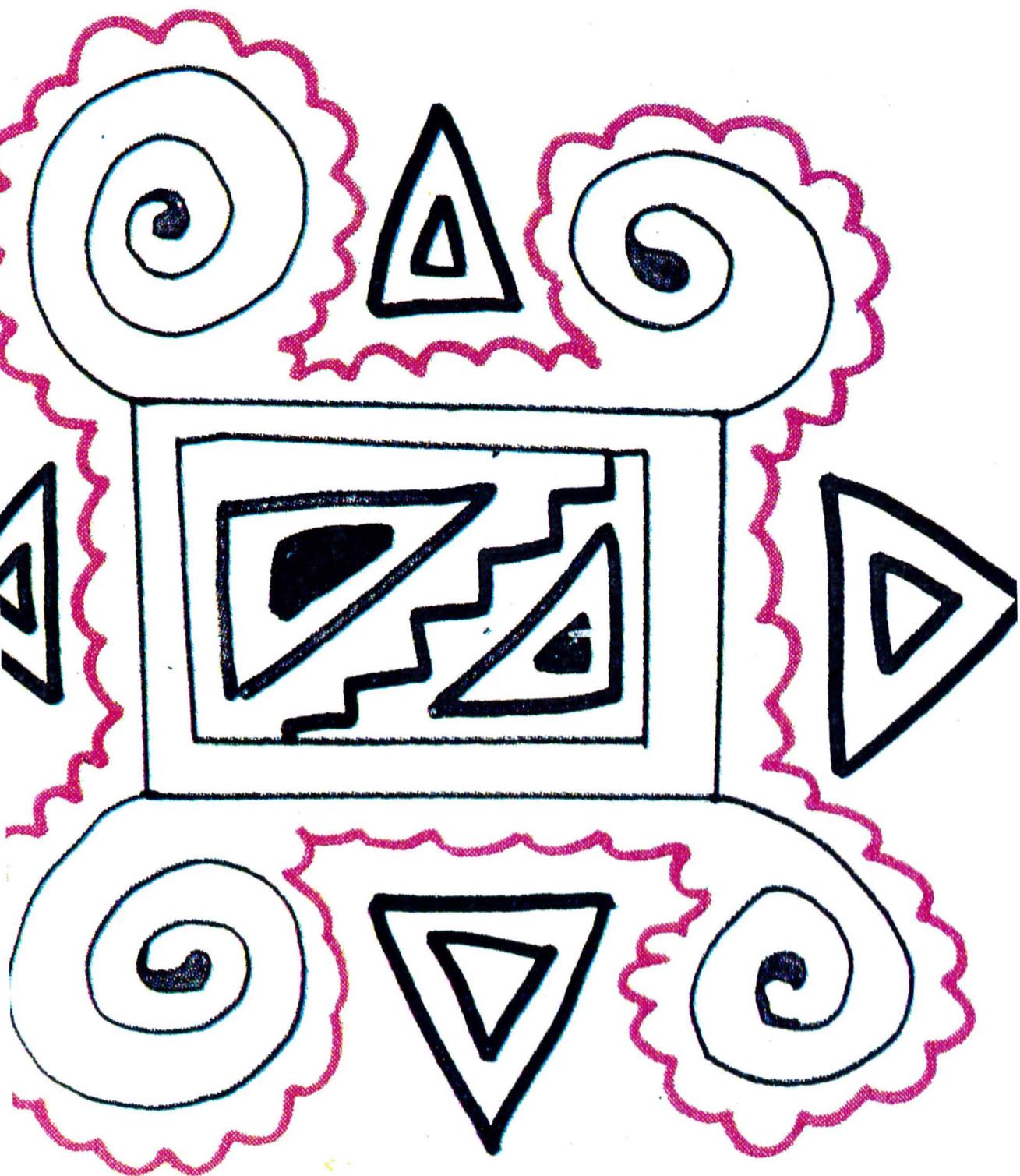


## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos *(Per)curso*s da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontínuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontínuos@dirbi.ufu.br).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA EDHIS  
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Alameda)  
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º  
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

1584

S. 9  
(0)

**Universidade Federal de Uberlândia  
Centro de Ciências e Artes  
Departamento de História  
Monografia**

**Mitologia, Histórias, Lendas e a Memória  
Um caminho de Resistência Psicológica para os Povos Tradicionais**

**Monografia  
Apresentada no  
Departamento de História  
Sob orientação  
Das profas. Dra. Jacy  
Alves de Seixas e  
Dra. Christina  
S. Roquete Lopreatto**

**Aluna: Gabriella Tito nº 3942457-6**

**Abril / 2002**



Houve um tempo, que passou para sempre e que irá logo estar de volta, em que um dia corre atrás do outro de céus brancos, neve branca... e todos os minúsculos pontinhos escuros ao longe são pessoas, cães, ou ursos.

Nesse lugar, nada viceja gratuitamente. Os ventos são fortes, e as pessoas se acostumaram a trazer consigo seus *parkas*, *mamleks* e botas, já de propósito. Nesse lugar, as palavras se congelam ao ar livre, e frases inteiras precisam ser arrancadas dos lábios de quem fala e descongeladas junto ao fogo para que as pessoas possam ver o que foi dito. Nesse lugar, as pessoas vivem na basta cabeleira da velha Annuluk, a avó, a velha feiticeira que é a própria Terra. E foi nessa terra que vivia um homem... um homem tão solitário que, com o passar dos anos, as lágrimas haviam aberto fundos abismos no seu rosto.

Ele tentava sorrir e ser feliz. Ele caçava. Colocava armadilhas e dormia bem. No entanto, sentia falta de companhia. Às vezes, lá nos bancos de areia, no seu caiaque, quando uma foca se aproximava, ele se lembrava de antigas histórias sobre como as focas haviam um dia sido seres humanos e como o único remanescente daqueles tempos estava nos seus olhos, que eram capazes de retratar expressões, aquelas expressões sábias, selvagens e amorosas. Às vezes ele sentia nessas ocasiões uma solidão tão profunda que as lágrimas escorriam pelas fendas já tão gastas no seu rosto.

Uma noite ele caçou até depois de escurecer, mas sem conseguir nada. Quando a lua subiu no céu e as banquisas de gelo começaram a reluzir, ele chegou a uma enorme rocha malhada no mar e seu olhar aguçado pareceu distinguir movimentos extremamente graciosos sobre a velha rocha.

Ele remou lentamente e com os remos bem fundos para se aproximar, e lá no alto de rocha imponente dançava um pequeno grupo de mulheres, nuas como no primeiro dia em que se deitaram sobre ventre da mãe. Ora, ele era um homem solitário, sem nenhum amigo humano a não ser na lembrança – e ele ficou ali olhando. As mulheres pareciam seres feitos de leite da lua, e sua pele cintilava com gotículas prateadas como as do salmão na primavera. Seus pés e mãos eram longos e graciosos.

Elas eram tão lindas que o homem ficou sentado, atordoado, no barco, e a água nele batia, levando-o cada vez mais para junto da rocha. Ele ouvia o riso magnífico das mulheres... pelo menos elas pareciam rir, ou seria a água que ria às margens da rocha? O homem estava confuso, por se sentir tão deslumbrado. Entretanto, dispersou-se a solidão que lhe pesava no peito como couro molhado e, quase sem pensar, como se fosse o seu destino, ele saltou para a rocha e roubou uma das peles de foca ali jogadas. Ele se escondeu por trás de uma saliência rochosa e ocultou a pele de foca dentro do seu *qutnquq*, *parka*.

Logo, uma das mulheres gritou numa voz que era a mais linda que ele já ouvira... como as baleias chamando na madrugada... ou não, talvez fosse mais parecida com os lobinhos recém-nascidos caindo aos tombos na primavera... ou então, não, era algo melhor do que isso, mas não fazia diferença porque... o que as mulheres estavam fazendo agora?

Ora, elas estavam vestindo suas peles de foca, e uma a uma as mulheres-focas deslizavam para o mar, gritando e ganindo de felicidade. Com exceção de uma. A mais alta delas procurava por toda parte a sua pele de foca, mas não a encontrava em lugar nenhum. O homem sentiu-se estimulado – pelo que ele não sabia. Ele saiu de trás da rocha, dirigindo um apelo a ela.

- Mulher... case-se... comigo. Sou um... homem... sozinho.
- Ah – respondeu ela. – Eu não posso me casar, porque sou de outra natureza, pertencço aos que vivem *temeqvanek*, lá embaixo.
- Case-se... comigo – insistiu o homem. – Em sete verões, prometo lhe devolver sua pele de foca, e você poderá ficar ou ir embora, como preferir.

A jovem mulher-foca ficou olhando muito tempo o rosto do homem com olhos que, se não fossem suas origens verdadeiras, pareciam humanos.

- Irei com você – disse ela, relutante. – Dentro de sete verões, tomaremos a decisão.

E assim, com o tempo, tiveram um filho a quem deram o nome de Ooruk. A criança era ágil e gorda. No inverno, a mãe contava a Ooruk histórias de seres que viviam no fundo do mar enquanto o pai esculpia um urso em pedra branca com uma longa faca. Quando a mãe levava o pequeno Ooruk para a cama, ela lhe mostrava pelo buraco da ventilação as nuvens e todas as suas formas. Só que, em vez de falar das formas do corvo, do urso e do lobo, ela contava histórias da vaca-marinha, da baleia, da foca e do salmão... pois eram essas as criaturas que ela conhecia.

No entanto, à medida que o tempo foi passando, sua pele começou a ressecar. A princípio, ela escamou e depois passou a rachar. A pele das suas pálpebras começou a descascar. O cabelo da cabeça, a cair no chão. Ela se tornou *naluaq*, do branco mais pálido. Suas formas arredondadas começaram a definhar. Ela procurava esconder seu caminhar claudicante. A cada dia seus olhos, sem que ela quisesse, iam ficando mais opacos. Ela passou a estender a mão para tatear porque sua vista estava escurecida.

E as coisas iam dessa forma até uma noite em que o menino Ooruk despertou ouvindo gritos e se sentou ereto nas cobertas de pele. Ele

ouviu um rugido de urso, que era seu pai repreendendo a mãe. Ouviu, também, um grito como o da prata que ressoa como uma pedra, que era sua mãe.

- Você escondeu minha pele de foca há sete longos anos, e agora está chegando o oitavo inverno. Quero que me seja devolvido aquilo de que sou feita – gritou a mulher-foca.

- E você, mulher – vociferou o marido. – Você me deixará se eu lhe der a pele.

- Não sei o que eu faria. Só sei que preciso daquilo a que pertencço.

- E você me deixaria sem mulher, e a seu filho, sem mãe. Você é má.

Com essas palavras, o marido afastou com violência a pele da porta e desapareceu noite adentro.

O menino adorava a mãe. Ele tinha medo de perde-la e, por isso, chorou até dormir... só para ser acordado pelo vento. Um vento estranho... que parecia chamá-lo.

- Oooruk, Oorukkk.

Ele pulou da cama, tão apressado que vestiu o *parka* de cabeça para baixo e só puxou os *mukluks* até a metade. Ao ouvir seu nome chamado insistentemente, ele saiu correndo na noite estrelada.

- Ooooooorukkk.

O menino correu até o penhasco de onde se via a água e lá, bem longe no mar encapelado, estava uma foca prateada, imensa e peluda... Sua cabeça era enorme. Seus bigodes lhe caíam até o peito. Seus olhos eram de um amarelo forte.

- Ooooooorukkk.

O menino foi descendo o penhasco de qualquer jeito e bem junto à base tropeçou numa pedra, não, numa trouxa, que rolou de uma fenda na rocha. O cabelo do menino fustigava seu rosto como milhares de açoites de gelo.

- Ooooooorukkk.

O menino abriu a trouxa e a sacudiu: era a pele de foca de sua mãe. Ah, ele sentia seu perfume na pele inteira. E, enquanto mergulhava o rosto na pele de foca e respirava seu cheiro, a alma da mãe penetrava nele como um súbito vento de verão.

- Ah – exclamou ele com alegria e dor, e levou novamente a pele ao rosto. Mais uma vez, a alma da mãe passou pela dele. – Ah!!! – gritou ele de novo, porque estava sendo impregnado pelo amor infindo da mãe.

E a velha foca prateada ao longe mergulhou lentamente para debaixo d'água.

O menino escalou o penhasco, voltou correndo para casa com a pele de foca voando atrás dele e se jogou para dentro de casa. Sua mãe contemplou o menino e a pele e fechou os olhos, cheia de gratidão pelo fato de os dois estarem em segurança. Ela começou a vestir sua pele de foca.

- Ah, mãe, não! – gritou o menino.

Ela apanhou o menino, ajeitou-o debaixo do braço e saiu correndo aos trambolhões na direção do mar revolto.

- Ai, mamãe, não me abandone! – implorava Ooruk.

E logo dava para se ver que ela queria ficar com o filho, queria mesmo, mas alguma coisa a chamava, algo que era mais velho do que ele, mais velho do que ela, mais antigo que o próprio tempo.

- Ah, mamãe, não, não, não – choramingou a criança.

Ela se voltou para ele com uma expressão de profundo amor nos olhos. Segurou o rosto do menino nas mãos e soprou para dentro dos pulmões do menino seu doce alento, uma vez, duas, três vezes. Depois, com o menino debaixo do braço como uma carga preciosa, ela mergulhou bem fundo no mar e cada vez mais fundo. A mulher-foca e seu filho não tinham dificuldade para respirar debaixo d'água.

Eles nadaram muito para o fundo até que entraram no abrigo subaquático das focas, onde todos os tipos de criaturas estavam jantando e cantando, dançando e conversando, e a enorme foca prateada que havia chamado Ooruk de dentro do mar da noite abraçou o menino e o chamou de neto.

- Como você está se saindo lá em cima minha filha? – perguntou a grande foca prateada.

A mulher-foca afastou o olhar e respondeu.

- Magoei um ser humano... um homem que me deu tudo para que eu ficasse com ele. Mas não posso voltar para ele, porque, se o fizer, estarei me transformando em prisioneira.

- E o menino? – perguntou a velha foca. – Meu neto? – Ele estava tão orgulhoso que sua voz tremia.

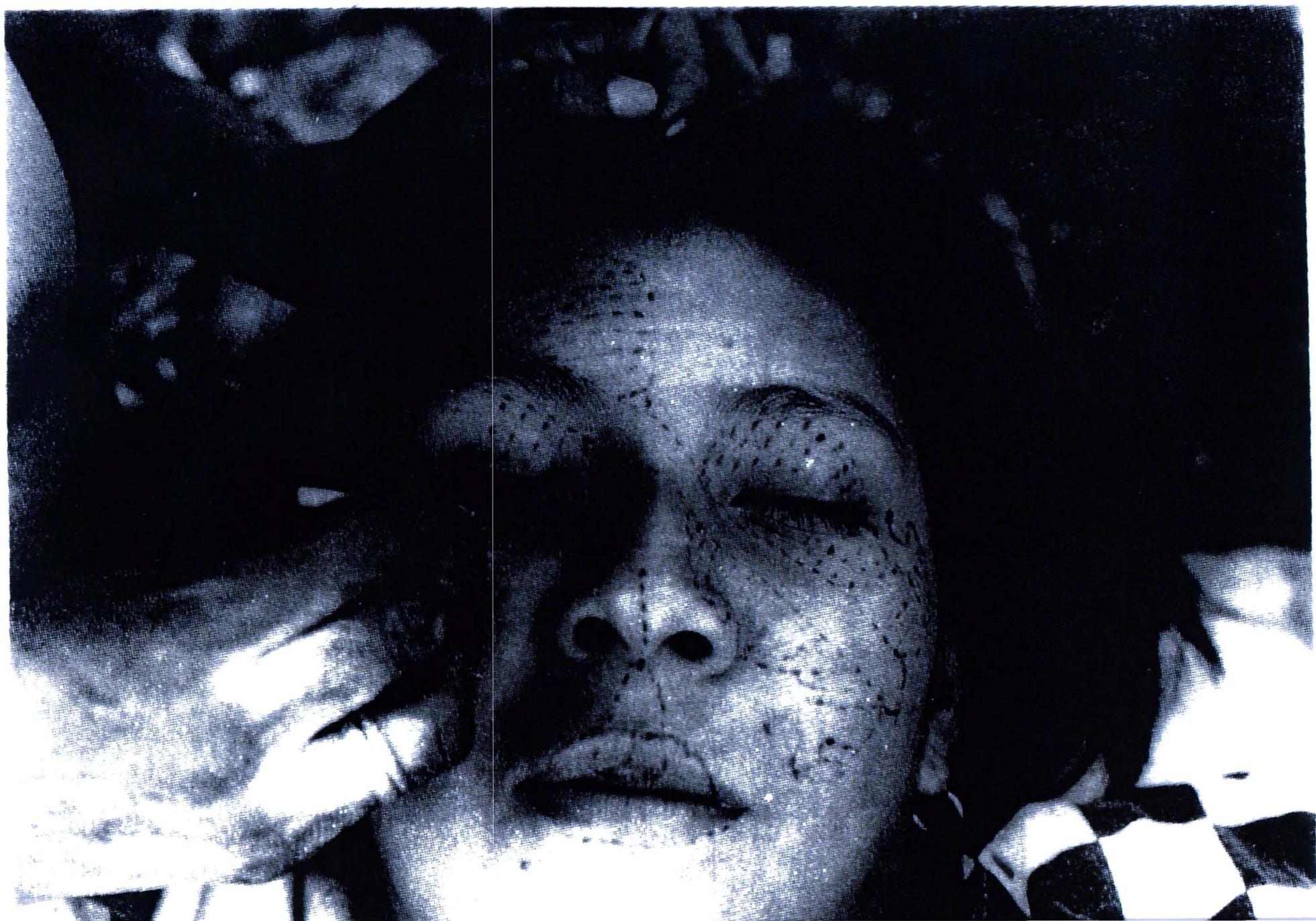
- Ele tem que voltar, meu pai. Ele não pode ficar aqui. Ainda não chegou o seu tempo de ficar conosco. – Ela chorou. E juntos eles choraram. E assim passaram-se alguns dias e noites, exatamente sete, período durante o qual voltou o brilho aos cabelos e aos olhos da mulher-foca. Ela adquiriu uma bela cor escura, sua visão se recuperou, seu corpo voltou às formas arredondadas, e ela nadava com agilidade. Chegou, porém, a hora de devolver o menino à terra. Nessa noite, o avô-foca e a bela mãe do menino nadaram com a

criança entre eles. Vieram subindo, subindo de volta ao mundo da superfície. Ali eles depositaram Ooruk delicadamente no litoral pedregoso ao luar.

- Estou sempre com você – afiançou-lhe sua mãe. – Basta que você toque algum objeto que eu toquei, minhas varinhas de fogo, minha *ulu*, faca, minhas esculturas de pedra de focas e lontras, e eu soprarei nos seus pulmões um fôlego especial para que você cante suas canções.

A velha foca prateada e sua filha beijaram o menino muitas vezes. Afinal, elas se afastaram, saíram nadando mar adentro e, com um último olhar para o menino, desapareceram debaixo d'água. E Ooruk, como ainda não era sua hora, ficou.

Com o passar do tempo, ele cresceu e se tornou um famoso tocador de tambor, cantor e inventor de histórias. Dizia-se que tudo isso decorria do fato de ele, quando menino, ter sobrevivido a ser carregado para o mar pelos enormes espíritos das focas. Agora, nas névoas cinzentas da manhã, ele às vezes ainda pode ser visto, com seu caiaque atracado, ajoelhado numa certa rocha no mar, parecendo falar com uma certa foca fêmea que freqüentemente se aproxima da orla. Ela é conhecida como *Tanqigcaq*, a brilhante, a sagrada, e dizem que, apesar de ser foca, seus olhos são capazes de retratar expressões, aquelas expressões sábias, selvagens e amorosas.



## SUMÁRIO

- Agradecimentos
- Introdução
- Capítulo I
- Capítulo II
- Conclusão
- Bibliografia

## AGRADECIMENTOS

Por sua paciência e condescendência nestes anos quero agradecer aos meus professores e ao meu amigo João Batista. À minha querida filhinha por seu amor alentador e ao meu “objeto de pesquisa” pelas tempestades que atravessamos juntos e que aguçaram minha vontade por desafios. Às minhas amadas avós que me presentearam com os profundos segredos da feminilidade. À minha querida tia Leda, uma mulher que corre com lobos.

Finalmente aos meus pais a quem devo tudo.

*As palavras amáveis são um favo de mel:  
Doce para o paladar e força para os ossos.*



## INTRODUÇÃO

*O insensato não gosta da inteligência,  
Mas de publicar o que pensa.*

(Prov.)

A sociedade moderna tecno-industrial tem produzido um fenômeno bastante triste e de capital importância: a crescente favelização das culturas nativas em todo o mundo. No Brasil esta questão é sensivelmente visível. Esses povos vêm sistematicamente sendo agredidos, pilhados e violados em diversas frentes. No entanto este processo está desembocando em uma situação agudamente dolorosa: a sua sobrevivência física enquanto se dá o seu desaparecimento étnico. Não só a cultura, ou os territórios, mas todo um universo psicológico está sendo lançado ao vento. Tesouros psíquicos ancestrais estão se perdendo, tesouros que podem ajudar a atualidade a não cair em desequilíbrio total. No entanto alguns povos teimam em permanecer, por mais que sejam acossados, perseguidos ou espezinhados, eles não se entregam e seguem adiante. Como isso é possível? Talvez uma boa resposta seja que eles lutam com ardor para preservar muito além de suas práticas culturais, eles lutam para proteger seu universo psíquico, o mundo simbólico, a sua integridade interior.

Diferentemente de tempos remotos quando os problemas ou os “invasores” eram os Portugueses, os Espanhóis ou os Ingleses; na sociedade globalizada ele está em toda parte e em lugar algum. As grandes batalhas cederam lugar a relações muito mais complexas, que muitas vezes perpassam até caminhos afetivos. Este estudo propõe que uma opção, talvez extremamente frutífera, seja a resistência e a reconstrução psicológicas. Em outras palavras, a preservação das culturas tradicionais passa necessariamente pelos universos psíquicos individuais, portanto hoje os indivíduos têm um papel decisivo na manutenção de um grupo étnico enquanto tal. Não que este aspecto não estivesse presente em outros tempos mas agora ele é fundamental. Propomos aqui um destaque especial à importância da mulher, da herança matrilinear, neste processo. Elas são as próprias construtoras das teias psicológicas.

Neste trabalho partimos da premissa que homens e mulheres possuem um sistema psíquico instintivo natural ou selvático. As nações e tradições indígenas de um modo geral favorecem imensamente que a psique permaneça neste estado natural, saudável, harmônico. A mitologia é a principal responsável pela manutenção desta harmonia psíquica.

Os pressupostos teóricos seguidos nesta monografia baseiam-se em estudos de psicologia etnoclínica e psicologia analítica e arquetípica, cujo mentor foi Carl G. Jung. O termo selvagem é amplamente utilizado. É definido como selvagem nesta abordagem, e segundo C. P. Estes, “uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis” · (1999:21). O selvagem, o natural, o saudável, são a plena harmonização da psique; isto é, a harmonia entre o objetivo e o subjetivo.

O que é de interesse para nós, é a força dos universos simbólicos enquanto medicamentos para mundo psíquico e, conseqüentemente uma melhor condição de enfrentamento das realidades dolorosas ou de choque, como as enfrentadas pelas culturas ameríndias. Quando o contato com a psique instintiva é perdido o indivíduo ou o grupo torna-se passível de subordinação. As histórias e lendas são as manentedoras deste vínculo e portanto essenciais para o que chamamos de resistência e também de vida criativa.

È possível perceber, e este é o ponto chave deste estudo, que através da análise de um caso exemplar – a trajetória do índio Macsuara Kadiwel – que mesmo ao se esvaecerem as práticas culturais, se o universo psicológico e simbólico permanecer e vicejar, um grupo é capaz de sobreviver etnicamente; mas se o universo psico-étnico for destruído, o grupo estará a caminho do desaparecimento. E ainda, se o universo psico-étnico for destruído mas o complexo psíquico instintivo for preservado o indivíduo resiste e resgata sua cultura se assim o desejar.

Uma outra relação abordada neste trabalho é da memória com as histórias. As histórias, neste sentido, seriam as responsáveis ao acesso as memórias mais profundas do ser. São elas que trazem à tona a memória involuntária e afetiva. A mitologia então funciona em dois níveis: um que contém os símbolos objetivos da cultura à qual pertence o mito, e assim preserva as práticas culturais objetivas. O outro que desperta as camadas profundas da memória e que liga o indivíduo emocionalmente e psicologicamente ao grupo. Um terceiro nível ainda mais profundo pode ser atingido pelas histórias o que desenterra uma psico-memória, ou seja, o conhecimento que foi apreendido durante o desenvolvimento da psique e necessário para a manutenção de seu estado perfeito, ou saudável. Ou ainda menos danificado possível; em estado capaz de formar cicatrizes ao invés de

feridas abertas. Não há sentido neste caso em se constituir uma memória voluntária ou historiográfica se a pessoa e o grupo não tiverem nenhuma identificação emocional e psicológica com esta História, portanto para tal é imprescindível à reconstituição das memórias profundas acessadas pela mitologia.

Estes estudos estão longe de esgotar toda a potencialidade deste panorama mas fornece apontamentos significativos para a questão. Esperamos ainda que oportunidades vindouras nos permitam apresentar, em novos estudos, respostas mais contundentes para a complexidade do assunto. Também esperamos que o trabalho contribua para trazer mais freqüentemente aos estudos Históricos os relevantes e apaixonantes aspectos psicológicos num relacionamento permanente com a Psicologia.

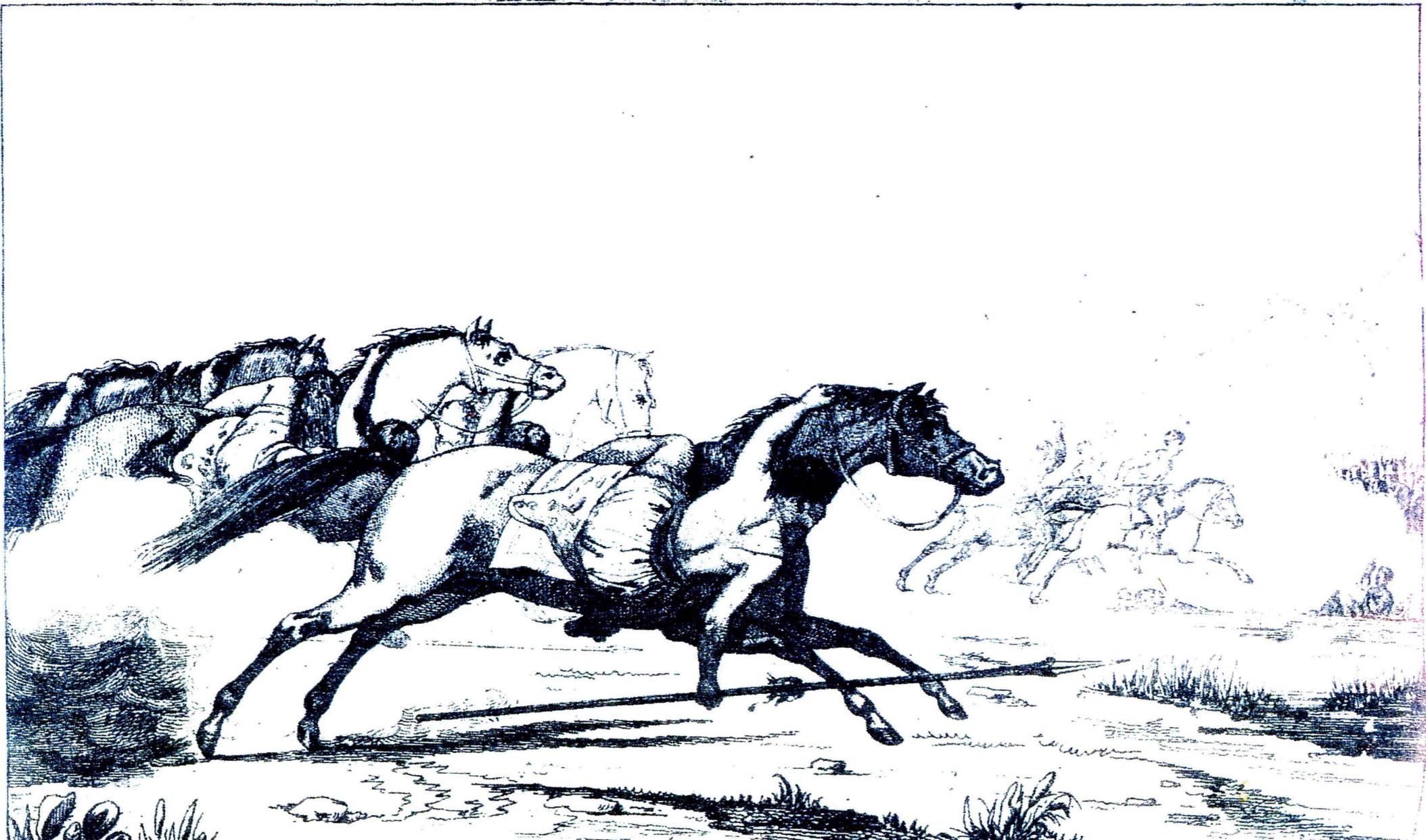


## CAPÍTULO I

Os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul permaneceram intactos até por volta de 1719 quando Pascoal Moreira Cabral descobre ouro na região. Não é difícil imaginar o que se seguiu, toda sorte de aventureiros e gananciosos e necessitados invadiram a região e a mata virgem foi testemunha de um verdadeiro banho de sangue. Não só estes aventureiros, na sua maioria paulistas, lutaram entre si por esta terra esquecida, como também travaram batalhas sistemáticas contra os grupos indígenas que ali habitavam. E foi então que se depararam com um dos mais aguerridos guerreiros de que se tem notícia no Brasil colonial: os Mbayá-Guaikuru, conhecidos também por índios cavaleiros. Os índios Kadiwel são os últimos remanescentes destes destemidos habitantes do centro oeste. Eles habitam hoje a região da Serra da Bodoquena no Mato Grosso do Sul.

De formação nômade e belicosa, os Guaikurus sempre foram um entrave à ocupação Européia nas áreas chaquenha e pantaneira. Eles efetivamente dominavam toda a extensão compreendida na Bacia do Paraguai, tanto em território Paraguaio quanto Brasileiro. Os Mbayá habilmente dominaram a arte da cavalaria (introduzida no continente sul-americano pelos espanhóis), o que lhes conferiu a supremacia em toda a região. A sua ocupação no Pantanal barrou definitivamente o avanço espanhol que provinha de Assunção em direção aos territórios “Portugueses”. Devido a sua superioridade bélica acabaram por comandar também outros grupos indígenas que ali habitavam como por exemplo os Guaná, os Chamacoco, Kaiapó e outros. Mas sua mais duradoura relação foi com o grupo Guaná chamados de Terenas; tais relações se mantêm até os dias de hoje. Um grupo outrora inimigo, os Payaná, formou uma importante aliança e introduziu na cultura Guaikuru o uso das canoas pantaneiras. À medida em que os Payaná foram abandonando a região em direção a Assunção por volta de 1750, os Guaikuru a assumiram por completo.

A sociedade Mbayá-Guaikuru era dividida em três níveis: aqueles que eram nobres, chamados capitães ou príncipes e suas mulheres, os guerreiros e os cativos. Os cativos eram aqueles aprisionados em guerra e seus descendentes, eram tratados com todo o respeito e como parte da nação, mas os casamentos com cativos não eram permitidos. A casta nobre era fortemente estabelecida e inacessível às duas outras, a casta guerreira possuía status e uma confraria própria, e embora o casamento com cativos fosse indigno



ocorria em alguns casos. A casta de cativos por outro lado, era extremamente heterogênea pois se compunha de indivíduos de diversas etnias e eram destinados aos trabalhos subalternos. Os nobres ficavam então disponíveis para as artes que em grande medida absorveram principalmente de seus vassalos Guanás. Os homens eram escultores e as mulheres pintoras. Um outro aspecto marcante foi a sua forte belicosidade, uma de suas estratégias de guerra é famosa até hoje e tornou-se um dos mais populares símbolos destes índios: “A sua tática, diz este viajante, é ajuntar uma tropa bem numerosa de cavalos selvagens, que lançam para a frente sem cavaleiros, misturando-se aos últimos corredores. Mas, para se furtar à vista do inimigo imaginaram um ardil que, por si só, dá idéia da sua flexibilidade e de destreza a cavalo. Cada cavaleiro, unicamente apoiado pelo pé direito em seu estribo, agarra as crinas com a mão esquerda, ficando assim suspenso e deitado de lado, ao longo do corpo do cavalo, e conserva esta atitude até que chegue ao alcance da lança: ergue-se então sobre a sela, e combate com vantagem no meio da desordem causada por este ataque tumultuoso.” (Denis: 340).

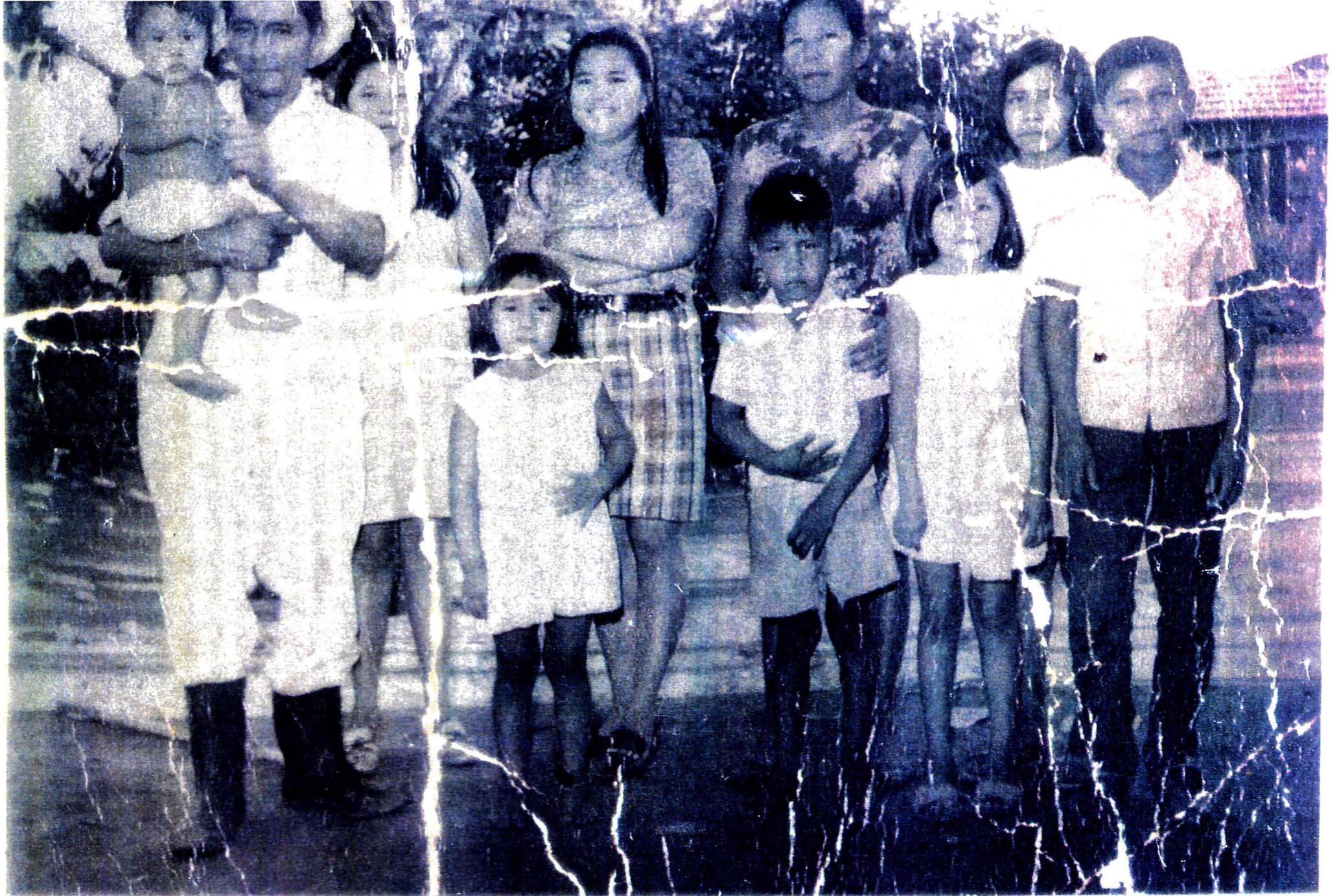
Todo o corpo social estava voltado para a vida nômade e guerreiro, as mulheres tinham filhos somente após os 30 anos e preferiam a adoção de crianças de outros grupos (salvo os nobres) que já estivessem em condições de se locomover mais rapidamente. Seu repertório mitológico servia de suporte para que seu universo psicológico resistisse às condições extremadas de guerra. Mas nem mesmo assim foram capazes de enfrentar a brutalidade colonizadora dos europeus e seus descendentes. A constante migração populacional para esta região, foi reduzindo pouco a pouco seu território e isolando-os de seus grupos subordinados, o que comprometeu em parte seu abastecimento alimentício e causou uma acentuada depopulação, o que era reforçado pelo contínuo retardamento da natalidade. Por outro lado as doenças e a Guerra do Paraguai (onde lutaram pelos brasileiros) acabou por extinguir grande parte das etnias Guaikurus, restando atualmente os Kadiwel. Portanto é deste povo orgulhoso e altivo que descendem os atuais remanescentes. Sem dúvida a passagem de senhores dos pantanais para colonos de fazenda foi extremamente danosa para seu mundo psicológico. Mas devido a grande força do universo feminino (já naquela época as mulheres possuíam uma língua própria) embora pudessem parecer durante muito tempo quebrantados, elas mantiveram através das histórias e de sua fina arte em cerâmica e de pintura corporal, preservar traços psíquicos muito antigos e que remontam a períodos pré-colonização em que eram uma sociedade plena em todos os seus âmbitos. Um segundo desafio, ou uma segunda colonização estes indígenas enfrentaram principalmente entre as décadas de 1950 e 1980, que foi a crescente expansão capitalista, ou seja, a constante pressão da industrialização



FOTO 1 – Serra da Bodoquena.

e a imposição, mais por falta de opção para tais pessoas, do regime de colonato. Esta situação perdura até hoje, entretanto mais uma vez as mulheres reagiram e muitos dos elementos antigos estão sendo resgatados. Sua arte cerâmica extrapolou os limites da aldeia e é atualmente conhecida em todo o mundo. Elas lideraram a criação da ACIRK – Associação da Comunidade Indígena da Reserva Kadiwel – na qual repassam os ensinamentos tradicionais para as novas gerações.

Os índios Tereno-Ethelena um dos grupos dos antigos Guaná vieram estabelecer-se na região do sul mato-grossense próximo a Miranda por volta de 1845. Eles habitavam anteriormente parte do Paraguai e Brasil, entre os paralelos 20° e 22°. Pertencem ao tronco lingüístico Aruake (distinto do Guaikuru) e não obstante tivessem costumes próprios absorveram algumas práticas dos Mbayá. Apesar de terem adotado o uso do cavalo eles jamais se desviaram de sua orientação agrícola, isto é, não eram grupos nômades ou essencialmente guerreiros. É interessante notar que os Terena eram também eles colonizadores e lançaram em busca de outros povos que pudessem complementar sua cultura. A condição de relativa subordinação aos Mbayá-Guaikurus os levou a uma proteção de seus costumes, eles conservaram mais arraigados seus modos de vida. Eles cultivavam gêneros como, trigo, mandioca e batata-doce, o excedente era usado para trocas com a sociedade envolvente, além disso eram hábeis tecelões. Assim como a sociedade Mbayá ou Kadiwel, esta era estratificada em quatro níveis: chefes, gente comum, guerreiros e cativos. Por seu caráter mais hospitaleiro foi alvo de constantes tentativas de aliciamento por parte das autoridades locais e nacionais. Um dos postos dos Terena é o Posto Indígena Araribá que se localiza no município de Avaí a 40 Km da cidade de Bauru no interior de São Paulo. Mas tanto em São Paulo como em Mato Grosso do Sul estas etnias viram-se forçadas a deixar suas próprias áreas de cultivo para cultivarem em campos que não lhes pertenciam e por quais recebiam salários miseráveis o que era totalmente contraditório com sua cultura tradicional. Devido a sua localização foram bem mais assediados pela sociedade não indígena e grandes vítimas da incompreensão e da discriminação, principalmente em centros urbanos. Nestes casos ficaram totalmente a deriva e como parte integrante e ao mesmo tempo excluída da sociedade passaram por desequilíbrio muito severos, como a própria negação de sua descendência em casos extremados. Por outro lado a conservação de sua língua contribuiu para a preservação de muitos aspectos de seu universo psicológico e antigo. Muitas histórias permaneceram assim como outras práticas culturais o que os manteve a salvo da completa desintegração.



## CAPÍTULO II

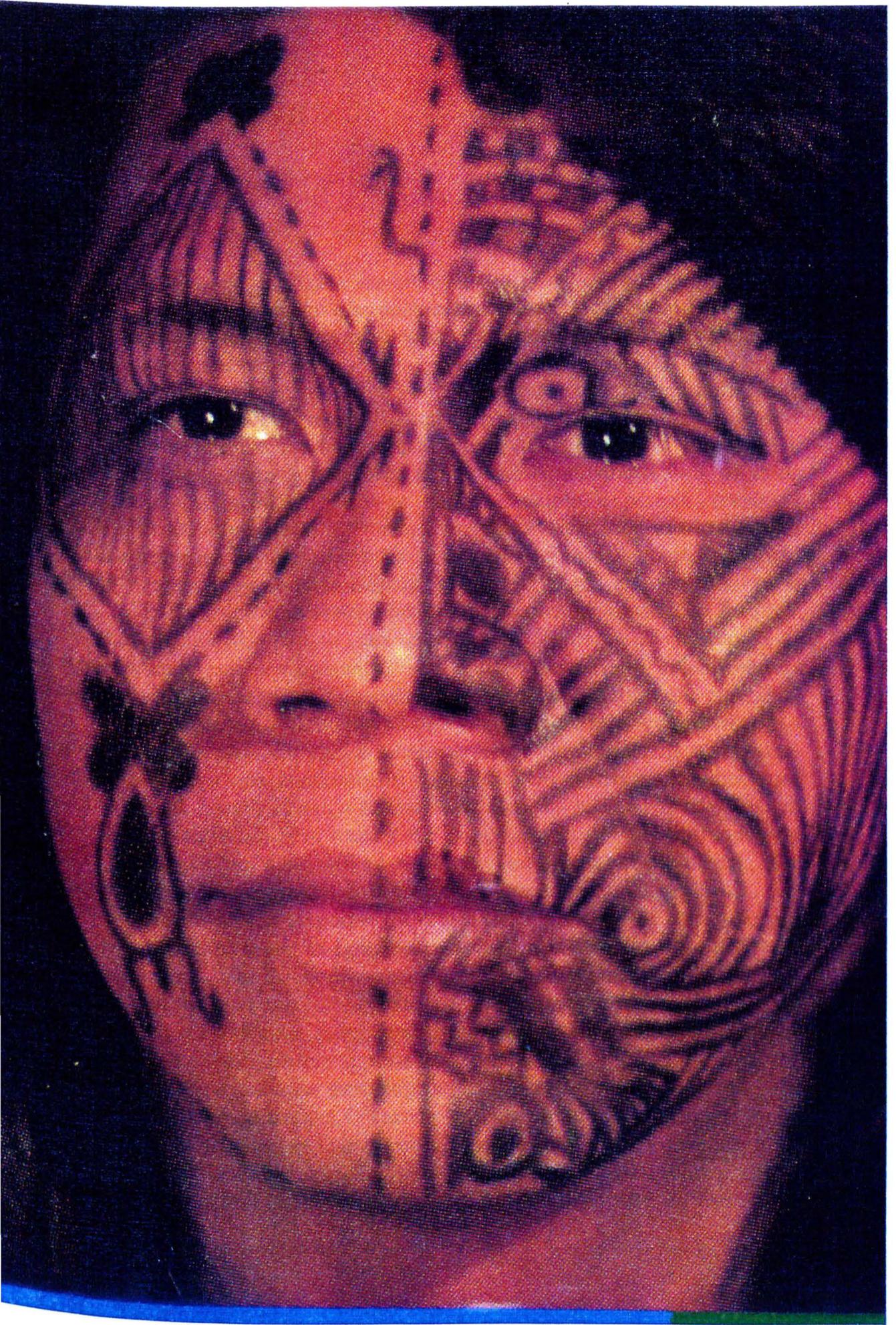
Dentro do contexto esboçado no capítulo I, de grandes perdas concretas e psicológicas, é que surge uma nova família. Do amor de um índio Kadiwel e de uma índia Terena nasce em 1962 o personagem da nossa história: Macsuara, o 5º de dez crianças que a família iria ter. Nessa época, e conforme o costume local os índios trabalhavam e moravam nas fazendas da região, por vezes embora fossem colonos residiam nas aldeias, ou ainda parte do tempo em cada lugar. Assim vivia esta família um pouco aqui e um pouco ali segundo sua necessidade. A mãe (optamos por preservar a privacidade dos demais membros da família, portanto seus nomes não serão citados) cuidava dos pequenos enquanto os filhos maiores trabalhavam em companhia do pai, na maioria das vezes trabalhavam na lida de gado mas, ocasionalmente lidavam na lavoura. E foi assim, acompanhando o pai é que Macsuara vivenciou o momento mais importante de sua existência e que marcaria toda a sua existência: o encontro com os velhos. Revolvendo a terra e cavalgando os campos ele ouviu suas histórias e lamentos, aprendeu sobre os ciclos da vida e da morte, recebeu os primeiros nutrientes da psique, ali seu espírito adquiriu reverência e ganhou têmpera.

Anos mais tarde, já em meados de 70, a família vai definitivamente para a cidade. O pai é contratado para trabalhar em um grande frigorífico local, Bordon, e todos partem de mudança para Campo Grande. Compraram um terreno em um bairro distante e pouco habitado e ali se estabeleceram, mas o destino prega peças e quando pensaram estar no caminho certo, Deus mudou o caminho de lugar. Em 1976 Macsuara vê a vida de seu pai ser ceifada por um automóvel e então seu espírito aprendeu sobre o silêncio. Sem recursos financeiros, num meio onde eram discriminados e repudiados, sem a menor herança psicológica, esta família conheceu muitas tragédias. Tempos depois ele então vai viver com sua avó Terena, numa aldeia situada no estado de São Paulo e chamada de Araribá. Lá seus parentes são tradicionais e ele vai vivenciar uma situação nova de respeito e reforço de sua autoestima. Apesar de todas as vicissitudes esta região conservou algumas de suas antigas histórias e tradições e isto foi fundamental para a formação de Macsuara e para a orientação que teria toda sua vida. Mais uma vez ele se deparou com os velhos e sua avó foi o bálsamo que sua alma necessitava, ali ele recuperou-se do sofrimento pela perda do pai, ali ele aprendeu sobre o orgulho dos traços de seu rosto, ali seu espírito adquiriu *consciência*. Através da vivência com este lado de sua família, através das histórias que ouviu e das práticas tradicionais

das quais participou, este indígena foi capaz de perceber com exatidão o seu papel enquanto parte de uma etnia distinta e de suas responsabilidades em relação à proteção dos elementos essenciais de sua cultura. Também nesta época ele deu continuidade ao que aprendeu com os pais o manuseio das ervas medicinais e pode optar por seguir meios de subsistência que tivessem estreitas relações com os modos de vida tradicionais mais antigos de seu povo. E seguindo estes passos foi estabelecer-se primeiramente na capital de São Paulo e em seguida na cidade do Rio de Janeiro. A partir daí ele teve a oportunidade de expressar tudo o que seu intuito fomentou durante décadas e construiu toda uma carreira baseada na luta pela preservação das sociedades tradicionais de modo geral. Ao se estabelecer no Rio de Janeiro através de seu conhecimento das plantas medicinais, passou a apresentar um programa na Rádio Tupi, no Show da Tarde com Paulo Barbosa, sobre as tradições nativas nesta área. . Macsuara além disto, como ativista do movimento indígena, foi membro fundador da Aliança dos Povos da Floresta, onde trabalhou ao lado de Chico Mendes, e membro fundador da International Society of Ethnobiology e um dos coordenadores da Eco Rio 92. Em 1982 entrou para o mundo cinematográfico e não parou mais, além dos diversos filmes que atuou sobre a temática indígena, é um dos raros senão o único ator indígena brasileiro, filiado a SATED. Alguns dos filmes em que atuou foram: Quilombo dos Palmares (Cacá Diegues), Avaeté (premiado com a medalha de prata no Festival de Moscou) e Villa Lobos (Zelito Viana), Kuarup (Ruy Guerra), Memória Viva (Otávio Bezerra), Outros 500 (Carlos Frederick), Vsa. Excelência o Candidato (Ricardo S. Pinto), Sermões (Júlio Bressane), Emerald Forest (John Boorman), Brincando nos Campos do Senhor (Hector Babenco), Hans Staden (Luis Alberto Pereira) e outros. Atualmente Macsuara dá continuidade a seu trabalho, além de outros projetos em prol das culturas indígenas em que atua até mesmo internacionalmente.

Queremos concluir ressaltando a tremenda importância que os idosos e suas histórias tiveram na vida deste indivíduo, eles foram essenciais na preservação de sua saúde instintiva o que o levou a aprofundar sua consciência étnica. Embora distante de sua cultura tradicional, o seu universo psico-étnico foi preservado e mais, o impulsionou a ação. Mesmo frente as maiores devastações se a semente de uma única história germinar, a floresta voltará a se refazer. Este é o cerne da nossa discussão teórica a ser apresentado na conclusão desta obra, ou seja, a vital importância da preservação dos universos psicológicos individuais e étnicos. A trajetória do indígena Macsuara é bastante ilustrativa, na medida em que seu trabalho extrapola a simples subsistência e assume um caráter de compromisso para com seu povo, em função da profundidade de sua natureza psicológica instintiva que se

manteve perfeita pela convivência com os velhos de etnias diferenciadas e suas histórias, pessoais, familiares e também mitológicas. Por outro lado cabe questionar mais profundamente, (o que pretendemos em um trabalho futuro) os conceitos de aculturação e integração, conferindo mais peso aos âmbitos psicológicos para que estes se somem e não apenas complementem outros aspectos como o sócio econômico e o cultural. Devemos ressaltar além disto, se realmente as sociedades indígenas ditas aculturadas ou integradas querem que a sociedade envolvente tenha acesso a seus conhecimentos mais antigos, acreditamos que não. A longa tradição que remonta aos tempos coloniais é a de traição, expropriação, doença, violação, prostituição, alcoolismo, violência e morte. Portanto, visto que muitos de tais elementos perduram até os dias de hoje, é natural que seus tesouros de todas as naturezas estejam camuflados em meio às atividades corriqueiras cotidianas e podemos vislumbrar apenas de relance o seu brilho.



## CONCLUSÃO

Passaremos agora para a importância das histórias propriamente ditas. Todo o esforço deste trabalho é no sentido de reavivar todos os tipos de contos e lendas assim como também as histórias de família. Elas são fundamentais para todas as sanidades.

À medida que as histórias são contadas elas evocam representações e práticas culturais específicas que sedimentam a formação de uma memória étnica extremamente importante para a manutenção de um grupo enquanto tal. As histórias despertam as memórias involuntárias e voluntárias de onde crescemos e as ouvimos, quem as contou, quando e porque, como as contaram, quais odores, lutas e trabalhos as perpassaram; todo um contexto se delinea a frente do ouvinte que revitaliza e atualiza o passado, tanto o passado histórico quanto o “psico-arqueológico” (Estés, 1999:15) e o instintivo mais profundo. Elas são um guia preciso para o desenvolvimento psíquico saudável e natural, ao mesmo tempo são capazes de despertar o processo de desenvolvimento psicológico quando este é interrompido por algum motivo. Elas são os **nutrientes** para a psique e as várias batalhas internas que ela trava.

As lendas e contos são verdadeiros veículos de cura para o indivíduo e o grupo desequilibrados interna e externamente, eles orientam e regatam impulsos psíquicos que conduzem a ações incisivas e plenas de sentido no mundo objetivo. Eles induzem à reflexão e a emoção, talvez por isso tenham sido tão negligenciadas. Elas trazem em si os elementos mais profundos do mundo psicológico em suas múltiplas articulações com a vida concreta. Eles explicam os mistérios psíquicos de homens e mulheres.

As histórias abrem as portas da vida interior selvagem. Elas ao mesmo tempo ajudam a recompor as ligações com esta vida selvática que sofreram rupturas, ou ainda, que foram desmatadas, queimadas, violadas e aprisionadas. A psique tem um potencial transformador poderoso que pode ser acionado pelas histórias e conduzir a ações totalmente novas e criativas. As memórias involuntárias que elas trazem à tona são capazes de impulsionar atitudes absurdamente inovadoras. As simbologias das histórias representam os vários elementos e campos da psique. O enredo de cada conto diz exatamente quais tarefas psíquicas devem ser realizadas no sentido de manter a psique plena. Segue um exemplo (cabe ressaltar que a interpretação psicanalítica não é nossa especialidade, no entanto baseamo-nos nos ensinamentos da Dra. Estés

para minimamente esclarecer a questão. O mito aqui descrito é de origem Ticuna): BERU é a mãe do macambo, *ngu*. Limpa o terreno ao redor da árvore e não gosta que mexam nas suas frutas. Beru se alimenta de gente e ataca as pessoas jogando nelas seus peitos enormes ou atirando muitas frutas de macambo. Às vezes aparece como gente, às vezes se transforma em borboleta (Gruber, 1997:35).

Os componentes de uma história representam elementos da psique de uma só pessoa, isto é fundamental para a compreensão de uma história com profundidade. Uma história possui estas duas vertentes, a subjetiva e a objetiva em que os componentes são interpretados como os elementos da vida objetiva, onde os ensinamentos são mais diretos. Este mito é feminino em sua essência, Beru é o self selvagem feminino. Ela é a conhecedora dos ciclos da terra, ela é quem cultiva e mantém o terreno da psique limpo. Sua árvore de macambo é a quintessência da mulher, sua vida criativa, que deve ser mantida nutrida e livre de ervas daninhas. Esta tarefa psíquica é bastante clara neste mito, o ambiente psíquico precisa ser continuamente esvaziado ou redimensionado em seus complexos psicológicos negativos. Uma relação amorosa desgastante por exemplo ou uma família repressora podem ser extremamente poluidoras da psique e assim quaisquer tipos de situações que represem os ciclos criativos do self. Um outro aspecto deste conto é o fato de Beru se alimentar de gente, neste ponto a tarefa psíquica é a de encarar o apavorante, os aspectos ferozes e selvagens de psique, ou seja a alteridade interna e a externa também; ser capaz de suportar o que se vê. Por outro lado Beru se alimenta da interrelação com outras pessoas, da troca de experiências e riquezas emocionais e psíquicas com o outro. Beru também ataca as pessoas com frutas, e a tarefa aqui é a de servir-se do irracional e do instintivo quando necessário. Os peitos enormes de Beru são o próprio recipiente do mundo subterrâneo, o mundo que contém todos os elementos de defesa de todos os tipos. Finalmente a borboleta evoca a força fertilizadora, o poder de transformação, de renovação.

Uma análise mais aguçada poderia tirar uma série de outras tarefas, mas já é o suficiente para a compreensão do alcance que uma história pode atingir, embora seus ouvintes apreendam isto, na maioria das vezes, de forma inconsciente, ou não imediata. As histórias auxiliam a psique a atingir um desenvolvimento mais profundo. Elas ensinam quais os aspectos internos que devem morrer e quais os que devem florescer, e portanto passar para estágios de consciência mais profundos. As histórias são iniciáticas do ponto de vista psicológico. Os iniciados nos processos mentais não se tornarão presas tão fáceis do próprio predador interno (segundo a abordagem Jungniana existe um predador natural interno da psique, isto é, um complexo de elementos

psicológicos negativos que procura minar o potencial criativo da psique. Este complexo é reforçado pela educação e cultura em que o indivíduo está inserido), quanto externo seja ele uma pessoa ou uma sociedade. Da mesma forma que os predadores intrapsíquicos, uma cultura pode ser altamente predatória e perpetuar como uma onda de deformidades negativas e destrutivas. A cultura capitalista é incisivamente predatória para seus próprios filhos e para outras culturas. O resgate das histórias e mitologias é fundamental para aquelas culturas cujos elementos destrutivos não sejam tão exacerbados mas que no entanto, estejam inseridas em contextos destrutivos. As mitologias propiciam defesa individual e grupal. Os povos que perdem sua vida mitológica abrigam indivíduos com a psique fragmentada e em certa medida prejudicada para a autoproteção e a movimentação confiante na vida concreta. Do mesmo modo ao se perderem as histórias interrompe-se o fluxo de ensinamentos antiquíssimos e muito profundos que são passados de geração a geração. Os ensinamentos práticos e psicológicos dos antepassados são essenciais para a sobrevivência. Eles são a própria atualização do passado, a oportunidade de revivê-lo e assim preservar o elemento criativo (e estamos essencialmente falando de criação histórica) em cada um e no grupo.

Já que este mito é essencialmente feminino cabem aqui alguns apontamentos. O arquétipo do feminino selvagem, representado por várias imagens: La Loba, Mãe da Vida, Mãe da Morte, Mulher dos Ossos e outros, é a origem de todo um sistema instintivo natural que permite à mulher manter sua psique saudável e vigorosa; assim ela é decisiva na preservação ou na restauração de uma cultura. Os arquétipos femininos provêm de um passado muito remoto (possivelmente pré-histórico), a sua tendência natural é a de atravessar as gerações, por isso ele é importantíssimo para as psiques que enfrentam mudanças e rupturas do porte que as culturas indígenas enfrentam. Neste sentido, as histórias são as preservadoras deste arquétipo ou conduzem a ele; ou seja ao terreno mais profundo da psique feminina, aquele que nutre e fortalece. Podemos observar empiricamente que as mulheres Kadiwel estão reconstruindo concreta e psicologicamente a sua cultura. Através das mitologias e práticas ligadas a iconografia, estão reconduzindo a comunidade aos seus antigos valores tradicionais. Da sobrevivência de contos míticos e lendas elas conseguiram preservar intacta a sua natureza psíquica original e reparti-la entre si mantendo a coesão do grupo feminino. Os ensinamentos do mundo psicológico contidos nas histórias que foram passadas das velhas para as jovens, mantiveram-nas fortes o suficientes para que superassem os diversos abalos e desfazimentos pelos quais passou sua cultura, e hoje a estão resgatando. De uma perspectiva mais egoísta, é imprescindível que as mulheres de procedência nativa retornem às suas histórias e nos devolvam

todo o poder do feminino oculto, o universo psicológico feminino em sua plenitude, tal caminho é uma das únicas possibilidades de sobrevivência saudável das mulheres das sociedades tecno-industriais; serão elas que vão recuperar e transmitir os ciclos naturais femininos psíquicos e biológicos, isto é, morte e renovação. Ao restabelecer culturas antigas, estamos resgatando a própria integridade feminina e masculina.

Nas culturas mais antigas este elemento está sempre presente, o ciclo de morte e renovação. A noção de vida que se desenvolve, morre e dá origem a uma nova vida (não necessariamente biológica) tem grande importância para o equilíbrio da psique. Em outras palavras, a formulação conceptual de que a vida apresenta ciclos de renovação é essencial para que os indivíduos lidem com aspectos objetivos e subjetivos de circunstâncias que fenecem e florescem de maneira a manter íntegro ou menos fragmentado o psicológico. Esta idéia é contundente quando duas culturas se chocam. Os indivíduos que possuem uma percepção mais aguçada sobre este aspecto têm melhores condições de manter o que não deve morrer em sua cultura assim como a reformular o que não resiste ao confronto. As histórias que contêm o tema do proscrito ou exilado são extremamente úteis nestes casos. Elas retratam em muitos casos acontecimentos que estão alheios à vontade de seus personagens. Ou em circunstâncias em que os indivíduos (em especial as mulheres) são induzidos/forçados a comportar-se de modo “obediente ou conveniente” ao meio envolvente. Os mitos de proscritos ensinam as tarefas psíquicas para que a psique seja resistente e não se curve com facilidade. Pessoas ou culturas que passam pelo confronto da diferença polarizam a psique de maneira torturante. Usar os seus tesouros interiores e culturais, ou as bijuterias impostas? Por fim exaustos muitos desistem e perdem o sentido de si mesmos, desaparecem. Este é um dos meios mais eficazes de erradicar uma etnia, polarizando emocionalmente seus indivíduos. As histórias dão as diretrizes psicológicas para que isto não aconteça ou pelo menos se minimize seus efeitos. Tentar integrar-se a todo custo destrói profundamente a psique. Somente pela recuperação da psique natural é que uma situação pode ser revista. Uma presa encurralada por um predador recua, se recompõe e salta para a fuga, para a sobrevivência. As presas que entram em pânico ou não conseguem agir com esta esperteza são pegas. Muitas etnias estão ou estiveram fazendo o mesmo movimento; recuaram, se recompuseram e estão agora ressurgindo fortalecidas. Os grupos indígenas que estão recuperando suas histórias estão justamente fazendo isto, devolvendo à psique seu estado perfeito, alerta para o combate; para que sob um novo ângulo eles sejam capazes de analisar sabiamente os problemas que estão postos à suas nações e quais caminhos e estratégias futuras para sua permanência enquanto etnias. Em seu estado

perfeito a psique está mais hábil para manter o equilíbrio intermundos, que é a questão chave para todos os povos aborígenes no presente. Os valores capitalistas estão retalhando o planeta e deixando muito pouco espaço para o isolamento. O confronto está a cada dia mais iminente, estas tensões entremundos já estão tendo que ser forçosamente enfrentadas por estes povos, e as culturas que abrirem mão de sua mitologia estarão caminhando para o desaparecimento étnico, talvez perdurem fisicamente, talvez perdurem suas práticas, mas sua memória psicológica ancestral se esvairá, isto é, o sentido de quem realmente são. Ora, as histórias são justamente o princípio da consciência. As primeiras coisas que são eliminadas em uma cultura “conquistada” são as mitologias e as línguas. Os Portugueses e Espanhóis tiveram uma percepção (provavelmente instintiva) muita apurada quanto a isto. Daí o alto grau de poder conferido às ordens religiosas. Para além de seus dogmas de fé, ao impedir os indígenas de expressar seus mitos e sua língua eles estavam sistematicamente massacrando sua chance de reação em todos os níveis, na realidade toda a estrutura do seu universo psicológico estava sendo posta abaixo. Nós podemos ver claramente quando personagens míticos eram substituídos pelos personagens da tradição cristã, formando histórias grotescas e sem nenhum conteúdo que fizessem algum sentido para estes povos. Sem as histórias, detonadoras da consciência e professoras da psique, cada indivíduo foi sendo aniquilado enquanto célula de uma cultura, tais nações foram ficando psicologicamente à deriva. Isto é exemplar no período escravocrata, as etnias africanas que para cá foram “abduzidas” sofreram o mesmo processo de desvinculação emocional e psicológica, porém de forma ainda mais brutal. Felizmente o fundamento das histórias é sólido e muitos foram capazes de reelaborar as imposições culturais à sua maneira, ou seja, segundo os seus valores psicológicos e culturais. Em grande parte esta reapropriação foi possível pelo fato das histórias serem as fortificadoras da psique, os traços mais essenciais do mundo psicológico natural e étnico permaneceram; mesmo que enterrado nas profundezas arqueológicas da psique. Uma psique mais saudável reformula os aspectos negativos internos e externos em seu próprio proveito, elas são a chave para a compreensão das ambigüidades subjetivas e objetivas.

Para concluirmos nosso raciocínio queremos deixar claro que não há nenhum sentido em se abordar a questão indígena sem nos debruçarmos sobre a questão psicológica. Passos importantíssimos estão sendo dados em várias facetas do problema. Embora não de modo satisfatório a preservação das terras indígenas está sendo revista, o regate de suas danças e músicas, de seus costumes da vida cotidiana, da preservação ambiental de suas áreas, há uma séria discussão acerca de sua posição política em relação à sociedade, os

antigos conhecimentos medicinais dos pajés estão sendo regatados e também as línguas estão sendo redescobertas. À mitologia no entanto tem restado um status secundário, um papel de mera coadjuvante, enquanto na realidade ela é um dos pilares que sustenta a permanência de vários povos. Não há nenhuma razão em se preservar práticas culturais se as próprias pessoas não possuem vínculos emocionais e se seu universo psicológico não condiz com aquilo, isto é teatro para turistas. A trajetória do indígena Macsuara, das mulheres Kadiwel, dos jovens professores Terena e de outros, são exemplares no que diz respeito ao assunto. Embora algumas vezes afastados das práticas tradicionais, ou de suas áreas tradicionais, preservaram a exata compreensão de quem são e de seu papel frente a seu povo. Isso se deu em grande medida pelo fato de sua unidade psicológica ter sido preservada. Esperamos ter contribuído, ao menos em parte, para que surjam mais discussões teóricas sobre a preciosidade da relação entre História e Psicologia, assim como também a instigar estudos sobre a indissolubilidade entre memória étnica e mitologia. Estamos plenamente conscientes da dificuldade de esgotar todos os pontos relevantes da questão mas acreditamos ter dado o ponto de partida para novas e interessantes pesquisas.

*O mundo adiante de mim recuperou sua beleza.*  
*O mundo atrás de mim recuperou sua beleza.*  
*O mundo abaixo de mim recuperou sua beleza.*  
*O mundo acima de mim recuperou sua beleza.*  
*Todas as coisas à minha volta recuperaram sua beleza.*  
*Minha voz recuperou sua beleza.*  
*Está terminado em beleza.*  
*Está terminado em beleza.*  
*Está terminado em beleza.*  
*Está terminado em beleza.*

(Benção Navajo)



## BIBLIOGRAFIA

- Estés, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 627p.
- \_\_\_\_\_ . *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 92p.
- Carvalho, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos: índios Terena no estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros: v. 33). 135p.
- Ribeiro, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 520p.
- Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 400p.
- Sandner, Donald. *Os navajos e o processo simbólico da cura: uma investigação psicológica dos seus rituais, magia e medicina*. São Paulo: Summus, 1997. 230p.
- Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües. *O livro das árvores*. Amazonas: Hamburg, 1997. 96p.
- Vidal, Lux. *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da USP: FAPESP, 1992. 296p.
- Corrêa, Valmir Batista. *O vôo do cara-cará: a questão indígena na formação da fronteira oeste*. Campo Grande: Tellus, ano I, n. 1, 2001. p. 27-40
- Seixas, Jacy Alves de. *Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica*. Curitiba: UFPR: História: Questões & Debates, n. 32, jan/jun 2000. p. 75-95

\_\_\_\_\_. *Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais.*

- [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br). *As terras indígenas*
- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1988. (Vol. 1). 268p.